

## **A música e o silêncio nas emoções dos personagens no filme Tatuagem<sup>1</sup>**

Rafael CANDIDO<sup>2</sup>

Ricardo MAIA<sup>3</sup>

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE.

### **RESUMO**

O presente artigo pretende analisar como se dá a canção e o silêncio na trilha sonora do filme Tatuagem (Hilton Lacerda, Brasil, 2013) e de que maneira ambos se relacionam respectivamente com os sentimentos dos protagonistas Clécio (Irândhir Santos) e Fininha (Jesuíta Barbosa), corroborando para uma narrativa fílmica mais coerente, baseando-se em conceitos estabelecidos por grandes estudiosos como Michel Chion, Murray Schafer, Rodrigo Carrero e outros autores.

**Palavras-chave:** Análise; Tatuagem; Som; Música; Silêncio.

### **INTRODUÇÃO**

Quando os irmãos Auguste e Louis Lumière criaram o cinematógrafo, o qual mais tarde se tornaria o cinema que conhecemos hoje, eles contrataram um pianista para executar a música enquanto as imagens em movimento iriam sendo exibidas. Então, o audiovisual nunca foi mudo de fato, sempre houve o uso de sonoridades. Ao longo dos anos, em que o novo dispositivo foi ganhando notoriedade nos estabelecimentos, críticos surgiram e se recusaram a enxergá-lo com decência.

Nesse meio tempo, o som (assíncrono) que acompanhavam as imagens dependiam do estilo musical do local onde os exibiam, com isso, a música orquestral neo romântica, que era um estilo recorrente da classe dominante, foi utilizada para atrair esse mesmo público e contribuiu para torná-lo prática cultural, elevando o cinema para um novo patamar (CARREIRO, 2014, p. 10-15-19).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 - Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Fotografia da UNICAP, e-mail: [rafael.2019235066@unicap.br](mailto:rafael.2019235066@unicap.br)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jogos Digitais da UNICAP, e-mail: [ricardo.maia@unicap.br](mailto:ricardo.maia@unicap.br)

---

Dessa forma, fica evidente que a ideia de que o cinema já foi mudo não é uma verdade, uma vez que a música o acompanha desde seu surgimento, e que não só as imagens, mas também o som, em todos aspectos, foram e continuam sendo imprescindíveis para o desenvolvimento do cinema, como ressalta Irving Thalberg.

Nós fazíamos o filme, exibíamos numa sala de projeção e saíamos decepcionados. Parecia horrível. [...] Mas então o mostrávamos em um teatro, com uma garota tocando piano, e isso fazia toda a diferença no mundo. Sem a música, não existiria uma indústria de cinema (THALBERG apud BUHLER; NEUMEYER; DEEMER, 2010, p. 247).

Se no passado o som já era importante para o cinema, com todas limitações da época, hoje, com os avanços tecnológicos de *hardwares* e *softwares* sonoros: "Os filmes costumam investir no preenchimento total disponível no espaço sonoro, evitando os silêncios, enchendo de efeitos sonoros os canais surround e utilizando abundantemente música de caráter não diegético" (CARREIRO, 2014, p. 30). Para isso, usufruindo criativamente dos principais elementos dentro do desenho de som, teríamos a voz, os ruídos e a música, e também destacado por Martin Rubin (1985) o silêncio se incluiria como um desses elementos.

Entretanto, dentre essas divisões estabelecidas, o silêncio é pouco lembrado, porque geralmente é percebido como uma mera ausência do som, contrariando essa ideia, Yasmin Pires e André Villa frisam: "Como percebemos silêncio? Escutando nada? Essa é uma mera negativa. [...] se nós podemos ouvir o estalo de um chicote a uma milha de distância – então nós estaremos ouvindo o silêncio ao nosso redor" (PIRES; VILLA apud BALAZS, 1985, p. 118).

E quando lembrado, o silêncio muitas vezes é relacionado como uma representação do tédio, do vazio e do desconforto. Este conceito do silêncio sendo igual à falta de ruídos atribui-se ao reflexo do advento das máquinas e todas as suas barulheiras, trazidas durante a revolução industrial no século XIX (SCHAFER, 2001, p. 354-357), como será investigado adiante neste trabalho. O silêncio mais os demais elementos da trilha sonora de um audiovisual são responsáveis por transmitir emoções, contribuindo para a fluidez da narrativa numa trama.

---

No estudo de caso do filme "Tatuagem" (2014) de Hilton Lacerda, a relação entre o silêncio e o uso de canções norteará a análise fílmica empreendida pela pesquisa. Segundo Rodrigo Carreiro no livro "O Som do Filme" (CARREIRO, 2014, p. 100): "O uso de canções populares e temas eletrônicos deu à música o poder de refletir identidades, gostos e políticas, tanto dos personagens como da instância narrativa". Baseando-se nisso, analisarei como as canções contidas no filme "Tatuagem", além de intensificar os sentimentos de personagens, atentando-se para Clécio, ela pode servir como um geolocalizador, revelando a cultura do povo recifense na década de 1970.

Dado o exposto, o presente artigo pretende analisar como foi utilizado os recursos de som para enfatizar o silêncio e a música dentro do filme "Tatuagem", observando de que maneira ambos se relacionam com os sentimentos dos personagens protagonistas.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento deste trabalho fez-se uso da técnica de pesquisa de análise fílmica:

Com este tipo de análise encontramos, sobretudo, o modo como o realizador concebe o cinema e como o cinema nos permite pensar e lançar novos olhares sobre o mundo (por exemplo, determinado realizador apresentar sempre uma visão pessimista da humanidade). [...] Se a análise é feita a um único filme é sempre possível analisá-lo tendo em conta a filmografia do seu realizador de modo a identificar procedimentos presentes nos filmes, ou seja, identificar o estilo deste realizador (PENAFRIA, 2009, p. 7).

Também, foi executado o método de estudo de caso, visto que no cinema há uma vasta cadeia de produção, e o objeto aqui a ser estudado é o som. Para João José Saraiva da Fonseca (2002, p. 33) o estudo de caso é "uma investigação que se assume como particularista, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico". Ademais, este artigo pretende observar como foi construída a trilha sonora do filme em questão, e ainda segundo o autor sobre o método de estudo de caso: "O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe" (FONSECA, 2002, p. 33).

---

Além disso, para a coleta de informações foi levantada uma pesquisa bibliográfica por meios de dados em livros, artigos e *websites* sobre o som, o cinema e a obra em questão, a fim de aprofundar-se e dar a devida sustentação teórica sobre o tema.

No sentido mais simples, é uma pesquisa feita integralmente a partir de leituras sobre um tema. [...] O objetivo, em geral, é sistematizar linhas de pensamento a respeito de um assunto. É feita a partir da leitura de livros, teses, dissertações e artigos, procurando organizar caminhos percorridos pelas autoras e autores. [...] o objetivo é mostrar as tendências das investigações a respeito de um tema ou um conceito (MARTINO, 2018, p. 95).

Durante a análise do som, foi perceptível que inevitavelmente fez-se uso da escuta reduzida, conceito estabelecido por Michel Chion:

O inventário descritivo de um som na escuta reduzida não se pode contentar apenas com uma apreensão. É preciso voltar a escutar e, para isso, ter o som fixado num suporte. [...] A escuta reduzida implica, portanto, a fixação dos sons, que acendem assim o estatuto de verdadeiros objetos. [...] Cada um pratica-a um pouco, mas de forma ligeira: quando identificamos a altura de uma nota ou os intervalos entre dois sons, estamos a fazer escuta reduzida sem saber (CHION, 2011, p. 30).

Dessa forma, foi crucial para o desenvolvimento do artigo fazer uso deste procedimento durante o mapeamento de cenas, por conseguinte, obter informações a respeito das músicas no formato canção e dos silêncios no filme *Tatuagem*.

## ANÁLISE FÍLMICA

O filme se passa na década de 1970, durante o regime militar no Recife e teve como inspiração um grupo de teatro da época, o "Vivencial Diversiones"<sup>4</sup>. O enredo conta a história de Clécio (Irândhir Santos) e Fininha (Jesuíta Barbosa). Clécio coordena o teatro chão de estrelas, no qual sofre represálias do governo, devido suas apresentações críticas. Ele está inserido num mundo artístico, acostumado com

---

<sup>4</sup> Foi um grupo de teatro tropicalista que surgiu nos anos 1970, durante o regime militar no Brasil. Eles deram início se apresentando na arquidiocese de Olinda, mas foram expulsos devidos as suas apresentações que criticavam o governo vigente, além de abordar a homossexualidade, transexualidade, violência, etc. O grupo a frente sua época, trazia causas importantes, que atualmente ainda são debatidas, de uma forma irreverente.

---

apresentações musicais, encenações, aplausos e ser ovacionado pela plateia. Diferentemente, Fininha é um soldado militar que mantém uma vida mais pacata, não costuma estar em farras. A família é religiosa e provavelmente foram deles a forte influência. Quando fininha vai entregar uma encomenda no teatro, pela primeira vez, encanta-se por tudo o que vê, especialmente por Clécio, a partir disso, os dois vivem um breve, mas, forte romance.

Para enfatizar essa premissa narrativa de contraste entre os personagens, o filme faz uso da música em abundância e da representação do silêncio, respectivamente, descrevendo a personalidade de Clécio e Fininha. É importante ressaltar que o silêncio absoluto não existe, esse só é encontrado em dois casos, no vácuo do espaço sideral ou retirando a sonoridade dos objetos através de softwares.

Logo nos primeiros minutos do filme, que vai de 40s a 3min e 4s, podemos notar a diferença das vidas dos personagens enfatizados pelo uso da música e o silêncio. Quando a voz de Clécio está presente no quadro, a música toma conta da cena, já quando é Fininha, a quietude que toma conta. Nas apresentações de Clécio, no teatro chão de estrelas, podemos observar as críticas ao regime militar da época, um desabafo diante da precariedade da democracia e a censura que todos sofriam. Isso fica ainda mais claro quando é cantada a música "Polka do Cu" no tempo 1h e 35 min e 10s a 1h e 37 min e 23s, onde a letra faz duras críticas de forma irreverente, zombando do conservadorismo e da repressão à liberdade de expressão. Nesse momento, fica evidente que é no palco cantando, que Clécio sente-se livre para expressar seus sentimentos sem represálias.

Ainda, músicas como Esse Cara (Caetano Veloso, 1986) cantada por Clécio, durante uma apresentação; Bandeira Branca (Dalva de Oliveira, 1970) ao finalzinho do filme, entre outras, lançadas originalmente durante o regime instaurado, estão presentes na trilha, pois são condizentes com o período histórico em que se passa a história, podendo fazer com que o espectador identifique de cara, através das canções, os anos de ditadura militar, na qual a história está inserida. Outra canção presente é Volta (Johnny Hooker, 2013), original do filme, sendo importante por se tratar de um brega, gênero musical de Pernambuco bastante popular, o espectador que a escuta, logo lhe associa ao lugar pertencente.

---

Portanto, para além de enfatizar as emoções de Clécio, algumas canções servem para nortear cronologicamente o espectador, e outras acabam servindo como um geolocalizador, dessa forma, as mesmas são indispensáveis para a coerência da narrativa, além de serem um meio para a propagação e exaltação da cultura pernambucana. Assim, a música reafirma mais uma vez sua importância em um longa. "É quase impossível fazer filmes sem música. Eu nunca vi um filme melhor sem música. Música é tão importante quanto fotografia" (BERCHMANS apud HERRMANN, 2006, p. 22).

No início do filme (40s a 1min e 48s), a câmera faz um panorama do teatro "Chão de Estrelas" com a voz do personagem Clécio ao fundo. Não é mostrado ninguém, apenas alguns detalhes do local e feixes de luzes. O maior destaque da cena se dá pela voz do personagem, na qual deduzimos fazer uma apresentação a ser ovacionado pela plateia (Figura 1).

Figura 1- Movimento panorama no "Chão de Estrelas"



Fonte: Captura de tela do filme "Tatuagem"

Em seguida (1min e 49s a 3min e 4s), a tela escurece e é mostrado o personagem Fininha sentado na cama pensativo (Figura 2). O silêncio toma conta da cena e vai gradativamente sendo substituído pelo ruído de uma guitarra. Segundo Michel Chion "O silêncio nunca é um vazio neutro; é o negativo de um som que ouvimos anteriormente ou que imaginamos: é o produto de um contraste. (CHION, 2011, p. 50)." Ou seja, provavelmente o som da guitarra foi posto para que o silêncio tivesse maior notoriedade.

---

Além desse detalhe, o ângulo da câmera faz o telespectador pensar que Fininha esteja numa cadeia, então, a câmera se move e conseguimos ver que é uma ilusão de ótica.

Figura 2- Fininha sentando na cama



Fonte: Captura de tela do filme "Tatuagem"

Essas duas percepções de som e imagem neste trecho dá-se a entender que o personagem não está satisfeito com a vida que leva, fazendo jus ao conceito de Michel Chion chamado de valor agregado, onde imagem e som no cinema andam juntos para maior coerência na narrativa fílmica, dessa forma, não havendo um mais importante que o outro.

Michel Chion foi capaz de, indiretamente, reivindicar status igual de importância para o som e a imagem no processo de codificação do discurso cinematográfico. Se uma trilha de informações influencia o modo como a outra é percebida pelo indivíduo, afinal, não faz qualquer sentido reivindicar a superioridade de qualquer uma delas (CARREIRO apud CHION, 2014, p. 105).

Em outro determinado momento (11 min e 52s a 14 min e 50s), é observado que o sound designer priorizou o BG<sup>5</sup> na cena, deixando os sons ambiente em primeiro plano. Fininha e sua família estão na sala quietos ouvindo rádio, nesta cena, o ruído de uma colher em atrito com o prato provocado pelo personagem se sobressai. Eles estão calados, mas os sons advindos dos objetos ao redor fazem com o que a representação do

---

<sup>5</sup> BG é a abreviação do termo em inglês "Background", que traduzido significa "Fundo". Ele é usado para se referir aos sons ambientes que fazem parte da cena, geralmente ficam em segundo plano, usado para situar o espaço dos personagens.

---

silêncio tome maior espaço no trecho. Basicamente, é feito o telespectador ouvir o silêncio através do som, o que pode parecer confuso, porque muitos acreditam que o silêncio é a ausência de sons, Chion afirma que:

Outra maneira de exprimir o silêncio [...], consiste em fazer ouvir...ruídos; mas ruídos tênues naturalmente associados a ideia de calma, pois não chamam a nossa atenção e só são audíveis a partir do momento em que os outros - circulação automóvel, conversas, vizinhança ou ruídos do trabalho - se calam (CHION, 2014, p. 105).

Essa representação do silêncio para afirmar um sentimento ou clima tedioso, como se houvesse um vazio na vida dos personagens dentro da trama, advém dos vestígios da poluição sonora trazidas com a revolução industrial no séc. 19. " A revolução industrial introduziu uma multidão de novos sons, com consequências drásticas para muitos dos sons naturais que eles tendiam a obscurecer" (SCHAFER, 2001, p. 107). O homem que se adequou aos barulhos da vida moderna, passou a enxergá-lo com certo companheirismo, onde a ausência do mesmo seria a falta de algo ou alguém. "O homem gosta de produzir sons para se lembrar de que não está só. [...], O silêncio, para o homem ocidental, equivale à interrupção da comunicação. Se alguém não tem nada a dizer, o outro falará" (SCHAFER, 2001, p. 354).

Com isso, entende-se que a representação do silêncio dentro do desenho de som no filme se dá de duas maneiras, a primeira com ausência do som propriamente, e a segunda em contrapartida é fazendo o espectador ouvir.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do que foi pesquisado, ficou evidente a importância dos elementos sonoros (incluindo o silêncio, visto que faz parte da trilha sonora) num projeto audiovisual, desde o surgimento do cinematógrafo, desmistificando o termo chamado "cinema mudo" quando na verdade houve som desde o início, e sua contribuição para o alavancamento do patamar cinematográfico em seus primeiros anos, até hoje no cinema contemporâneo, onde seu uso tornou-se uma das principais atrações dentro de um filme.

---

No cinema nada é por acaso, é tudo minuciosamente pensado para atender ao resultado almejado. Em *Tatuagem*, filme objeto desta análise, a música não está apenas para preencher o espaço sonoro e o silêncio não está por coincidência, vão além, ambos representam os personagens protagonistas, demonstrando seus sentimentos internos. Com a primeira pudemos observar o quanto Clécio ama o que faz, e com o segundo a tamanha insatisfação de Fininha com a vida que leva. Sem a utilização destes dois elementos, a narrativa provavelmente ficaria desconexa com o que seria apresentado, pois não saberíamos o que os personagens escutaria ou não, refletindo na falta de suas emoções. Ademais, assim como as imagens, o som serviu para contextualizar o enredo das cenas na trama direcionando o espectador para um melhor entendimento. Provando que não há cinema sem imagens, assim como, não há cinema sem elementos sonoros, pois ambos se completam, para melhor dizer, agregam-se como afirmou Michel Chion.

Ao final do trabalho, deu-se conta de que ele poderia ser bem mais complexo, devido às várias cenas que poderiam ser decupadas para a análise. E, ainda que, durante a pesquisa bibliográfica foi encontrada uma certa dificuldade para achar embasamentos teóricos para a fomentação sobre o uso do silêncio do cinema, não foi empecilho para o desenvolvimento do recorte do artigo.

### Referências bibliográficas

- BERCHMANS, Tony. **A música do filme**. São Paulo. Escrituras, 2008;
- CARREIRO, Rodrigo. **O som do filme: uma introdução**. Recife. Editora UFPE, 2014;
- CHION, Michel. **A audiovisual: som e imagem no cinema**. São Paulo. Edições texto & Grafia, 2011;
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre. Editora UFRGS, 2009;
- PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes: conceitos e metodologias**. Research Gate, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/242758192\\_Analise\\_de\\_Filmes\\_-\\_conceitos\\_e\\_metodologias](https://www.researchgate.net/publication/242758192_Analise_de_Filmes_-_conceitos_e_metodologias). Acesso em: 01 Mar. 2021;
- PIRES, Yasmin; VILLA, André. **A representação do silêncio no cinema sonoro**. Revista UFG, 2020. Disponível em: [https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/download/50269/34444/&ved=2ahUKewi0vrGn5qjvAhXmH7kGHbmKBXgQFjAAegQIBBAD&usq=AOvVawlw8\\_EZwNVYGOnIVNcV2k2k](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/download/50269/34444/&ved=2ahUKewi0vrGn5qjvAhXmH7kGHbmKBXgQFjAAegQIBBAD&usq=AOvVawlw8_EZwNVYGOnIVNcV2k2k). Acesso em: 02 Fev. 2021;
- SCHAFFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo. Editora Unesp, 2001.